

O TERRITÓRIO COMO ATO Corpo na escrita da cidade

*The TERRITORY AS ACTION
The body in the writing of the city*

Paulo Reyes¹ e Andrea da Costa²

Resumo

Este ensaio se inscreve num viés analítico que entende a cidade pelos seus movimentos corpóreos, que a adentram e a transformam desde seu viver e de suas vivências até a sua escritura. São táticas mais do que estratégias que entendemos ser os operadores da experiência da cidade. O objetivo posto neste texto é produzir uma espécie de cartografia histórica que recupera alguns dos principais pensadores ao longo do século XX que compreendiam a cidade a partir de experiências corporais. Iniciamos com a figura do *flâneur* de Charles Baudelaire que inspira Walter Benjamin nas descrições de Paris e que aqui se anuncia como “corpos agregados”; passamos aos “corpos lentos”, nomenclatura definida para expressar a apreensão do espaço operada pela teoria em Michel de Certeau; entramos com os “corpos suspensos” denotados na teoria dos não-lugares de Marc Augé; e por fim, adentramos pela filosofia da diferença, para introduzirmos os “corpos rizomáticos” deleuzianos.

Palavras-chave: cidade, corpo, filosofia, estética, política.

Abstract

*This essay is part of an analytical bias that understands the city through its corporeal movements that form part and transform it from its experiences to its writing. These are tactics more than strategies that we understand that are the operators in experiencing the city. Our goal in this paper is to produce a certain historical cartography through recovering some of the the main 20th century philosophical insights of thinkers who understood the city from corporeal experiences. Starting from the “aggregate bodies” applied from Charles Baudelaire’s *flâneur* figure, which inspired Walter Benjamin descriptions of Paris to move forward towards the “slow bodies” in order to synthesize Michel de Certeau’s apprehension of space theory; then introduce the “suspended bodies” depicted from Marc Augé’s theory of non-places to finally reach the “rhizomatic bodies” depicted from Deleuze’s philosophy of difference.*

Keywords: city, body, philosophy, aesthetics, politics.

¹ Pós-Doutorado em Filosofia (Instituto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa). Doutorado em Ciências da Comunicação (Unisinos e Universidade Autônoma de Barcelona). Mestrado em Planejamento Urbano (UnB). Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UniRitter). Atualmente professor associado da Faculdade de Arquitetura e pesquisador no PROPUR da UFRGS. E-mail: paulo.reyes@ufrgs.br

² Doutorado e Mestrado em Planejamento Urbano e Regional PROPUR (UFRGS). Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UnB). E-mail: andreabraga23@gmail.com

Digressões iniciais

Este ensaio se inscreve em um viés analítico que entende a cidade pelos seus movimentos corpóreos que adentram e transformam a cidade desde suas vivências até suas novas escrituras. São táticas mais do que estratégias que acreditamos serem os operadores da experiência da cidade. Posto isso, nos filiamos à chamada da revista PIXO nesta sua vigésima quinta edição em que o corpo escreve cidade expresso pelo título “CIDADE QUE LOGO SOU: intimidades corporais e a escrita urbana experimental”.

O objetivo posto neste texto é produzir uma espécie de cartografia histórica que recupera os principais pensadores ao longo do século XX que compreendiam a cidade a partir de experiências corporais. Iniciamos com a figura do *flâneur* de Charles Baudelaire que inspira Walter Benjamin nas descrições de Paris e que aqui se anuncia como “corpos agregados”; passamos aos “corpos lentos”, nomenclatura definida para expressar a apreensão do espaço operada pela teoria em Michel de Certeau; entramos com os “corpos suspensos” denotados da teoria dos não-lugares de Marc Augé; e por fim, adentramos pela filosofia da diferença para introduzirmos os “corpos rizomáticos” em Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Corpos agregados

Inspirado na figura do *flâneur* de Charles Baudelaire, Walter Benjamin se relaciona às mudanças na forma de produzir e se apropriar do espaço urbano quando se refere à Paris das grandes intervenções urbanísticas do sec. XIX com a noção de massa e de sociabilidade peripatética. Há aqui uma importante transformação nos interesses por novas abordagens: não mais aquelas que compreendiam a cidade por um viés totalizante de base cientificista, mas agora escrito pela experiência do corpo nas deambulações urbanas.

No seu livro *Passagens*³, ele investiga de maneira original a difusão desta tipologia arquitetônica – as galerias, as passagens e os claustros – como elementos de conexão/transição/mudanças entre duas formas de organização espacial que interagem entre si, operando e replicando transformações nas expectativas sociais quanto ao uso e funções do espaço urbano.

É a partir das intervenções e obras haussmanianas que a noção de espaço público passa a equivaler a de espaços de circulação, sendo incorporados ao patrimônio da urbe sob governança de entidade jurídico-administrativa comunitária. Isso altera a produção e agenciamento do espaço da cidade (*top down*). Daí novas formas de sociabilidade emergem, fundadas sobre o lazer em espaços abertos para as quais caminhar, com o sentido de deambulação, tornam-se atos preferenciais de fruição da vida urbana e de rituais coletivos que marcam a transição à modernidade. Essas mudanças nas interfaces entre indivíduos relacionam-se a diferenças hierárquicas de movimento: circulação livre de pessoas dentro do perímetro urbano e de mercadorias e pessoas entre cidades e regiões.

As passagens integram duas formas de produção do espaço da cidade: uma, resiliente, dá-se por adição através de processos agenciados *bottom up*, que tem na compacidade seu parâmetro de ordem; outra, dos grandes projetos viários e paisagísticos, agenciados de modo *top down*, modificam as regras de produção do espaço da cidade baseadas na expansão urbana e acessibilidade global.

³ Utilizamos a edição de 2018 produzida pela editora da UFMG.

A Paris através da qual Benjamin deambula e os elementos que capturam o seu olhar são marcados pelas passagens (galerias) que simbolizam a transição entre o agenciamento moderno do espaço urbano (*top down*) e o agenciamento auto-organizado (*bottom up*); entre o anonimato das massas – controle global –, e o estranho que circula entre vizinhos – controle local; entre processos de territorialização polares quanto ao potencial de integração e segregação espacial a partir do qual a vida cotidiana é operada.

Nessa leitura da cidade pelos deslocamentos do *flâneur*, Benjamin nos posiciona em um contexto de modernidade. Há nisso, correspondências entre os processos de reestruturação da segmentação social requerida pela Modernidade e mudanças nos padrões de apropriação social do espaço polarizados entre o controle local e a integração global e aqueles que os materializam e conectam, dentre eles, as passagens e galerias que despertam o interesse de Benjamin por serem lugares ambíguos, zonas de contato e ou conectores entre territorialidades que emergem de códigos de comportamento socioespacial distintos.

Percorrendo-as ou atravessando-as, o *flâneur* se conecta a práticas cotidianas que continuam a se reproduzir nas dobras da urbanização moderna. São lugares-interstício (em um entre), entre público e privado, requeridos na reprodução de sociabilidades resilientes no tempo-espaço e na difusão de um novo projeto no qual a vida urbana é eminentemente pública. Remetem à emergência de um novo tipo de centralidade que funciona como ponte entre duas esferas de sociabilidade.

Entendendo-se configuração espacial como artefato social, pode-se intuir que o redesenho das relações socioespaciais e políticas tem, na introdução de galerias e passagens, correspondência com mudanças nos padrões de movimento dos corpos na cidade. O lazer peripatético – o *flâneur* – denota mudanças na forma como ordem social e projeto político interagem transformando a vida cotidiana, produzindo novas territorializações que conferem sentido ao termo cosmopolita.

Além das passagens e claustros, a rua enquanto extensão do espaço doméstico preserva práticas socioespaciais resilientes reproduzidas ao resguardo do movimento intenso dos *boulevares*: atividades poluentes e segredos noturnos; bazares de vícios de inspiração orientalista. Através das passagens, nômades urbanos assim como os ambulantes emergem nas *promenades* vendendo serviços e mercadorias. O circular incessante pelos espaços públicos apregoando mercadorias remetem a práticas ancestrais. São errantes, deslocados na sociedade de classes, que vivem à sombra, do que sobra.

Os périplos de Benjamin relacionam o movimento do corpo anônimo, das massas reunidas na esfera do público, àquele que erode e/ou transforma fronteiras público-privado. Ao resgatar o sentido social dessas interações, pôde interpretar os sentidos políticos construídos a partir do controle instrumental do espaço e do potencial de difusão de informação das estruturas espaciais na produção de novas territorialidades. O espaço que descreve é relacional, confrontando mudanças nos padrões espaciais e diferenças em comportamentos socioespaciais ao discurso político que as exprimem, e reagrupando elementos já significantes em novas oposições.

A resiliência de padrões socioculturais, aquém, através e além das passagens frente às mudanças nos códigos adotados pela elite cultural da modernidade, contextualiza o trânsito entre lugares marginais e centros da vida pública. Para Benjamin, a experiência deambulatoria é parte constituinte do processo de descrição e análise do contexto no qual emergem novos códigos de reprodução da ordem social que não obliteram os anteriores, antes os escravizam para seus próprios fins. Para descrever diferenças



no agenciamento do espaço e nas territorialidades que emergem dos padrões de movimento da sociedade moderna o filósofo-historiador se traveste em detetive-*flâneur*, propondo um enunciado cuja sintaxe é a morfologia urbana, e buscando sentido na articulação entre padrões espaciais e mudanças no agenciamento dinâmico do espaço através do movimento dos corpos.

Essa reorganização do espaço, a partir de sua apropriação, implica em conferir identidade como função de usos excludentes atribuídos a uma estrutura espacial pré-existente, incluindo a dimensão cultural da produção do espaço. Isso subverte uma lógica de abordagem estratégica (*top down*) do território, centrando-o nos agenciamentos e práticas (cotidianas), atribuindo-lhe relacionalidade. Se territorialidade emerge da fronteirização (*bordering*) dos espaços cotidianos com propósito de assegurar, defender, controlar, identificar, privatizar, separar, conectar e regular, poderia ser agrupada sob a noção genérica de governança espacial, compreendida esta como uma prática de impor e manter fronteiras intencionais circunscrevendo a vida social, produzindo a reorganização política do espaço.

Através das passagens parisienses, duas formas de agenciamento do espaço interagem na cidade moderna: *top down* – estratégicas; *bottom up* – táticas. Benjamin é seduzido pela investigação das transições e conexões entre códigos socioculturais materializados nessas meta-fronteiras: dispositivos de filtragem de fluxos e mediação de trocas; híbridos que integram práticas socioespaciais conflitantes e instrumentalizam as mudanças no exercício de poder e no controle do espaço *top down*, através de planos e projetos; e *bottom up*, através de interfaces entre classes sociais e interação entre práticas cotidianas. Qual detetive, indaga os corpos autônomos que vivem do circular constante e da coleta de despojos, aglomerando-se nos becos remanescentes da Paris medieval nos interstícios da cidade-luz.

Corpos lentos

Se Walter Benjamin inaugura, de alguma forma, a leitura da cidade pelo deambular corporal, Michel de Certeau vai recuperar essa dimensão tática presente nas deambulações como crítica às excessivas estratégias impostas por uma postura

totalizante oriunda do pensamento moderno cientificista. Adentremos a cidade pelos corpos lentos de Certeau!

Mover-se através da cidade, de um ponto a outro, junto a outros, desconhecidos, desenhando trajetos que jamais são os mesmos, ainda que as rotas se mantenham: de casa para o trabalho, as mesmas esquinas dobradas; a cada vez, novas experiências delineadas pela intensidade dos fluxos, pelo sentido do caminhar, pelos horários de rush, pelas pessoas paradas na rua, pelos encontros casuais que, de recorrentes, conferem significados à copresença, aos encontros e esquivanças.

O movimento muda a experiência do espaço. É sobre o movimento natural, aquele do caminhar nas ruas, que Michel de Certeau (1980;1998) nos leva a refletir sobre as correlações entre a forma como o espaço urbano é produzido – *top down* – e as mudanças impostas pela dinâmica dos corpos em movimento, os fluxos – *bottom up*. O autor entende essas duas formas de agenciamento como polares e, postas por ele, em tensão – as estratégias e as táticas: a primeira, se refere à renovação do espaço construído sujeita aos conflitos de poder político e tecnocrático e a mudanças na ordem social incorporadas na produção do espaço; a segunda, se refere às formas como o espaço é apropriado pelos sujeitos nas suas práticas cotidianas através dos padrões de movimento ou de copresença que promovem transformações dinâmicas e fluidas correlacionadas à temporalidade das ações e sua recorrência. De táticas autônomas individuais compartilhadas podem emergir processos de territorialização, bases para o agenciamento coletivo, para a mobilização de coletivos e para a governança espacial.

O corpo autônomo é modificado ante a intensidade de fluxos, à restrição da velocidade, e atribui novos sentidos ao ato de caminhar, restringindo mudanças de direção e condicionando o ritmo sujeito à densidade de transeuntes. São as táticas do indivíduo que tornam seu corpo lento, determinado à fruição ou lhe imprime velocidade, impelindo-o do trabalho para casa pela rota mais curta; modulam a dinâmica do movimento e dos fluxos, identificam tribos urbanas, reafirmam a autonomia e a liberdade de ação/escolha do sujeito que traça seu caminho pelas ruas da cidade ou deambula em fruição, agenciando territórios ao traçar seu caminho.

Rastrear e resgatar as transformações dinâmicas que emergem dos padrões de movimento natural vão ao encontro do conceito proposto por Michel de Certeau de lugar como estabilidade dinâmica, configuração instantânea de posições dotada de significação que emerge *bottom up*. Sequências de lugares, passagem, travessia e trânsito sujeitam o processo criativo. Percursos cotidianos, caminhar a esmo, transformam topologicamente as relações entre corpos, entre sujeitos e entre lugares: conecta-os, coloca-os em contato, subvertem hierarquias entre partes do espaço construído, possibilitando a atribuição de novos sentidos aos lugares e às relações entre esses e um terceiro, aquelas que emergem dos fluxos que os perpassam.

Nessa conceituação, está implícita uma forma de governança espacial relacionada ao movimento dos corpos e ao agenciamento discreto e randômico do espaço do qual é possível se depreender mudanças nos padrões de apropriação social decorrentes do compartilhamento de táticas individuais que alteram a experiência sensorial dos indivíduos nos lugares e possibilitam a produção de novos enunciados sobre essa experiência agenciados coletivamente.

Mais do que viver um simples deslocamento pela cidade, o que Michel de Certeau nos propõe é uma espécie de método de leitura e apreensão da cidade. Método esse que se diferencia dos registros feitos pelo “olhar de sobrevoos” das consolidadas mapografias dos urbanistas cientificistas. Esta perspectiva parece ser a que adotam artistas nas suas investigações sobre a experiência compartilhada dos corpos no espaço, em



deslocamento, demarcando territórios (tomemos aqui, por exemplo, a experiência artística de Francis Alÿs e Farocki)⁴.

O monitoramento voluntário dos sujeitos nas suas deambulações anuncia mudanças radicais nos padrões de autonomia individual e de agenciamento político do espaço. São experiências estéticas/políticas que colocam o sujeito em outra experiência com a cidade nessas deambulações. Diferentemente de deixar-se monitorar por qualquer registro *top down*, a deambulação produz um corpo político. A pesquisa de Michel de Certeau expressa em seus escritos consolida as ideias benjaminianas e reatualiza a importância das leituras da cidade a partir das experiências corpóreas.

Corpos em suspensão

Como os lugares antropológicos criam o social orgânico, os não-lugares criam a contratualidade solitária. (tradução livre dos autores) (AUGÉ, 1992, p. 119).

Com tempos hipermodernos e de alto tensionamento nos processos de globalização no sentido de ruptura com o sentido de lugar, surge, na teoria no campo da arquitetura e urbanismo, a noção de um lugar que não se reconhece no específico, mas em uma espécie de genérico. Nessa perspectiva, está o pensamento de Marc Augé expressa no que ele chama de não-lugar.

Quando nos detemos a olhar a teoria produzida por Marc Augé para definir o não-lugar, encontramos como conceito chave a noção de lugar. Para ele, lugar é definido como algo que tem e confere identidade ou identificação social, justificando as noções

⁴ Sobre estas práticas e experiências artísticas ver <https://francisalys.com/>

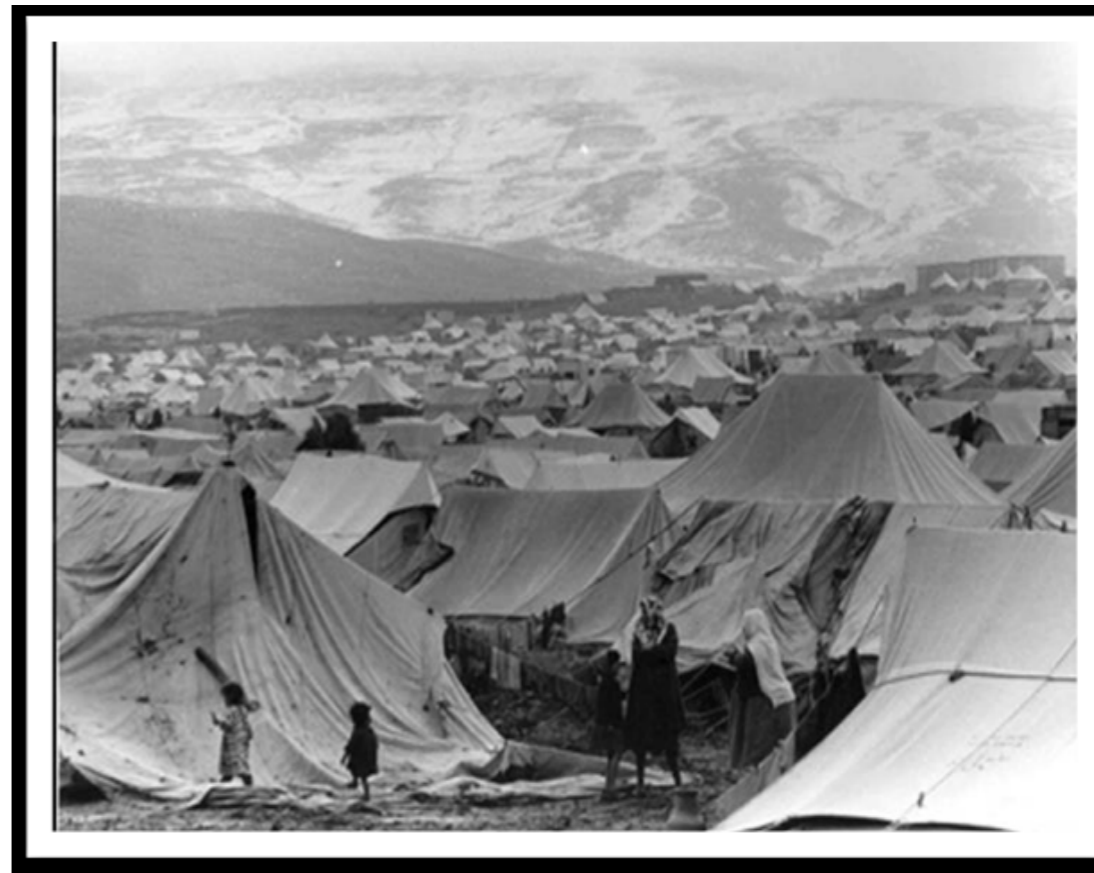
de pertencimento e alteridade. Em oposição, não-lugar é, portanto, nas palavras do autor, “espaço que não pode ser definido nem como identitário, nem relacional, nem histórico” (AUGÉ, 1992, p.100). São espaços de trânsito, ambíguos, com indicadores de circulação ou transitoriedade na apropriação social do espaço. Referem-se à suspensão da identidade relacional do espaço-sujeito estável, incorporando de forma ambígua, a noção de pertencimento. Não produzem identificações compartilhadas, são autorreferentes aos sujeitos em fluxos.

A noção de não-lugar representa esforço sintético de tradução das mudanças nos padrões de relações entre indivíduo, coletivo e território e das expectativas sociais quanto às interfaces com a alteridade no contexto contemporâneo. As transformações nas práticas dos indivíduos estão, então, expressas na proliferação de equipamentos de lazer e consumo estandardizados e na replicação de modelos funcionais e arquitetônicos em conjunturas dissimiles que as aproximam da noção de heterotopias de Michel Foucault (2013a; 2013b).

Segundo Foucault, a experiência contemporânea é marcada pela circulação de elementos discretos cuja localização, além de randômica, é dinâmica. Lugar e território remetem a identidades estáveis e históricas, e à continuidade e reprodução de práticas sociais e instituições como processo linear de integração social. Sua antítese – o não-lugar – sintetiza mudanças nos padrões de produção e apropriação do espaço que tem no movimento, na circunstancialidade dos fluxos e na dinâmica de conexões entre indivíduos, variáveis que ponderam interações com o ambiente da qual emergem significações fragmentadas, transitórias e dinâmicas: turismo, circulação, deslocamentos que transformam indelevelmente a forma de pensar os processos de territorialização e sugerem novas cartografias locais e globais.

Distância topológica parece ser a medida que melhor define não-lugar como centralidade reticular. Castoriades (2004) entende que a topologia, ao enfatizar a continuidade do espaço, fornece parâmetros menos rígidos para analisar processos sociais. Abre-se a possibilidade de descrever identidade, diferenciação e desigualdade a partir de interfaces dinâmicas que imprimem aos processos de territorialização por efeito cumulativo complexo e sinergia transformadora da organização socioespacial. E remetem a vínculos sociais entendidos como princípios de conexão, de associações e agenciamentos fugazes, a artefatos socioespaciais que se correlacionam a figuras topológicas em constante deformação, denotando mudanças no processo de auto-organização da compressão de informação, dependentes da dinâmica dos sistemas e restrições ao movimento que emergem dos processos de interação e interfaces.

Espaços de fluxos modificam os processos de territorialização através da emergência simultânea de diferenciação e conectividade, incorporando a sociologia do movimento às descrições sobre exercício de poder, pertencimento, identidade, etnicidade em função das correlações entre deslocamentos – intensidade de – e sua importância na modificação de padrões de organização socioespacial, econômica e demográfica, consequentemente, sobre o sistema de interfaces e interações multiescalares encontradas nas migrações, diásporas e no pós-colonialismo. Evidenciam a dimensão contemporânea dos conflitos relacionados à fragmentação e multiplicação das afiliações que, acionadas instrumentalmente, adquirem sentido político, desvelando processos de partição, filtragem e hierarquização capazes de produzir desigualdades sociais mediadas por deslocamentos implicados na emergência de diferenças que organizam as relações sociais entre indivíduos, recodificando os sentidos da apropriação social do espaço.



Não-lugares encontram correspondência na categoria social (usuários) tomada como identificação prevalente de comportamentos individuais transitórios dos quais emergem coletivos instáveis, diversificados e conjunturais. Augé e Foucault interrogam o impacto da compressão espaço-tempo na difusão de tipos arquitetônicos e na decodificação da informação correlacionadas à hiperindividualização da experiência. Aproximam-se das heterotopias de Foucault, ao incorporar a noção de indivíduos em crise com a sociedade, de excepcionalidade circunstancial na vida dos sujeitos como migrações, diásporas e guerras; e nos tipos espaciais relacionados a esses fluxos, nos quais há suspensão momentânea da identidade estável: turista, imigrante, apátrida. Heterotopias de crise, como nomeia Foucault, são resilientes, figurando padrões excepcionais de territorialização. Dos *expats* vivendo em *compounds* a casas geriátricas, o mundo contemporâneo vê a explosão de heterotopias de crise e crônicas, espaços cujo acesso é regulado, fadadas ao prolongamento indefinido de situações precárias, como os campos de refugiados.

A relação topológica entre não-lugares e heterotopias não se esgota na justaposição de espaços sociais incompatíveis entre si. Referem-se a atratores de fluxos turísticos apreendidos e identificados de formas diferentes por moradores do lugar e usuários que lhe atribuem significados diversos e das quais emergem novas figuras. Essas heterotopias dão a ilusão de livre acesso do espaço público apropriado socialmente e da copresença diversificada que impulsiona a vida urbana enquanto engendram sofisticados mecanismos de exclusão social como processos de gentrificação, que modificam os padrões de interfaces e interação locais.

Há adequação entre os esquemas sintáticos espaciais e as interpretações semânticas baseadas na informação veiculada por padrões espaciais que produzem sentido a partir dos processos de figuração em si mesmos e que permite dissociar a experiência do espaço da produção de signos e significados modelados a partir da auto-organização e do empiricismo indutivo como *modus operandi* da contemporaneidade. (LASH, 2012).

A reprodução e difusão espacial de tipos arquitetônicos como os enclaves emergem do estabelecimento de fronteiras de governança e de processos de diferenciação sociocultural ou socioeconômica (*gated communities*), política (campos de refugiados) e normativas (aerportos, pólos logísticos) em que conectividade e acessibilidade

mediadas produzem territorialidades fragmentárias que impõe descontinuidade às configurações espaciais onde integração endógena, segregação exógena e controle sobre conectividade e acessibilidade globais mediam as interações e interfaces.

A difusão do enclave que pode ser descrito como um tipo de não-lugar na medida em que subverte os princípios de continuidade territorial, de identidade e institutos compartilhados socialmente, é reticular, através da irradiação ou intensificação dos fluxos e potencialização da conectividade internodal, da integração seletiva, que escraviza o sistema espacial. Indicam padrões de relações dos quais emerge o fenômeno de desurbanização (SASSEN, 2008) que reduz o espaço público à função de rede de circulação, hoje difundido globalmente.

Enclaves remetem à incompletude no plano do imaginário social produtivo do que são cidades, territórios e lugares. Os processos sugeridos por Sassen (2008) debilitam e até destroem os códigos e restrições espaciais que guiam as práticas cotidianas dos indivíduos. Por isso, frustram expectativas de diversificação de formas de apropriação social do espaço e reforçam a experiência de estarmos sempre em trânsito entre espaços de exceção, entre o encarceramento voluntário ou a indistinção, presos na formalidade de não-lugares que caracterizam a hipermodernidade e os sentidos figurados das imagens que substituem o real.

Corpos rizomáticos

Se o não-lugar desloca de alguma maneira o corpo para um abandono do espaço localizado na cidade, com a filosofia da diferença, principalmente posta por Gilles Deleuze a partir de “Diferença e repetição”, a ideia de um corpo ressurgem com toda a força. Não mais um corpo identitário, mas um corpo coletivo e rizomático como vai aparecer mais tarde em “Mil Platôs” junto a Félix Guattari.

Na “filosofia da diferença”, trata-se da descrição das diferenças não como noção antitética e negativa de igualdade como difundida na ciência política, nos estudos culturais e adotada por Augé na sua noção de não-lugar, mas a partir de processos nos quais as relações de força (e poder) tem primado sobre objetos, artefatos e indivíduos, produzindo identidades e afiliações instantâneas a partir de uma topologia auto-organizada intrinsecamente temporal.

O sentido de corpo, não mais é um corpo que flana pela cidade, tampouco um corpo só-tático, menos ainda um corpo ausente no espaço. Com Deleuze, o corpo é um coletivo. Não mais uma organicidade identitária, mas um corpo-sem-órgãos.

Um CsO [corpo-sem-órgãos] é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Nada a ver com um fantasma, nada a interpretar. O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num *spatium* ele mesmo intensivo, não extenso. Ele não é espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau – grau que corresponde às intensidades produzidas (DELEUZE e GUATTARI, 1999, p. 13).

Os corpos deleuzianos são, portanto, mais intensos do que extensos e sempre são produzidos no âmbito do coletivo. A essas intensidades dos corpos-sem-órgãos soma-se as relações rizomáticas. É pelo rizoma que podemos experienciar a cidade no seu cotidiano vivenciado. Para Deleuze e Guattari, o rizoma é uma figura que não remete



mais a uma organização hierárquica do pensamento. O pensamento rizomático não tem início, meio ou fim como um processo de enunciação. Não há, portanto, um lugar e um enunciador que dispare um discurso. Há, pelo contrário, uma multiplicidade de vozes.

O rizoma não tem mais sujeito nem objeto, nos dizem Deleuze e Guattari (2009). Ele segue alguns princípios: conexão (as conexões não seguem uma ordem, mas qualquer ponto se conecta a qualquer outro); heterogeneidade (na diferença todos tem o mesmo valor); multiplicidade (múltiplo tomado como substantivo e, portanto, sem sujeito nem objeto); ruptura a-significante (o rizoma pode ser partido e será retomado a partir de qualquer ponto); cartografia e decalcomania (estranho a qualquer elemento gerativo).

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” (DELEUZE e GUATTARI, 2009, p. 37).

Este processo constitui o que Deleuze e Guattari conceituam como afeto (conceito esse que recupera de Espinoza) – mudança ou variância que ocorre na colisão ou contato entre corpos e que configuram poder de ação como força de diferenciação que emerge do excesso e da recorrência. Permite entender presença/copresença como afeto, para o qual a perda do self ou o des-fazer da identidade e a experiência do que um corpo tem capacidade de fazer em composição, ou arranjo com outros corpos-forças que detém potencial de transformar, de diferenciar e de produzir espaço-tempo significativa a partir da interação.

Estriamento é outro conceito explorado por artistas contemporâneos, de configurações espaciais que emergem da intensidade de fluxos, que se tornam recurso de figuração na Arte, possibilitada pelas novas mídias sociais e o seu potencial de difusão quase que instantâneo de informação que emergem do contato entre fluxos e entidades. Muitos desses trabalhos exploram resultados decorrentes de investigações baseadas em Teorias da Complexidade, sobretudo do fenômeno de emergência de padrões que Deleuze e Guattari delineiam sob a forma de linhas de variabilidade, virtualidade e diferença como equivalentes na transformação de padrões de interfaces e interações entre todas as coisas.

Essas imagens podem ser descritas como autorreferentes, dando sentido à copresença diferencial não como uma ação que delimita um território como âmbito de poder e sim como formas de interface e encontro que prescindem de reconhecimento e representação estável, delegando ao artista a tarefa de desvelar as forças imperceptíveis – agentes na

Fonte: <https://loglobo.globo.com/>
Figura 4 - Norte Comum. Agenciamentos de uma rede horizontal na Zona Norte do Rio. © Infoglobo. Fonte: <https://loglobo.globo.com/>
cultural/ocupacao-cultural-toma-praca-tiradentes-ao-longo-do-dia-20211173 (acessada em 20.03.2023).



produção de um imaginário social, técnico e espacial pautado pela noção de duração, entendida como grau de diferenciação dada pela intensidade de certas recorrências no espaço em relação a si mesma, seja por alterações no ritmo em que ocorrem ou pela intensidade do seu fluxo capturados num instante e dissolvidos no outro.

Digressões finais

O problema da auto-organização e da complexidade nas análises dos padrões de comportamento nos processos sociais, culturais, políticos do qual emergem identidades, se desdobram em mais de um sistema de referências e representações: localização, intensidade (quantitativa) e qualidade (topológica) e suas implicações na emergência de territorialidades e na apropriação social do espaço.

A hipótese é de que há uma adequação entre os esquemas sintáticos espaciais e as interpretações semânticas que estabelecidas a partir de relações e experiências dos indivíduos nas cidades. Esses produtores de territorialidades efetivas prescindem da representação social (*top down* e *bottom up*). Pode-se verificar mudanças nas formas de exercício de poder instrumental, vinculadas ao potencial de controle do movimento e circulação autorreferente e individual conferido pela difusão de tecnologias móveis de comunicação.

A partir disso, pode-se verificar como estratégia e controle são instrumentalizados na transformação dos sentidos dados ao exercício de poder e que interessam sobremaneira ao Planejamento Urbano como campo transdisciplinar e multidimensional. nas Formas como os espaços das cidades são produzidos e apropriados e, em retroação, podem modificar comportamentos individuais e coletivos, sobretudo no que tange à identidade de lugares e transformações socioespaciais definidas em projetos *top down* garantidos através de agentes paradigmáticos de gestão urbana em relação à sustentabilidade de certas configurações espaciais e das próprias constantes nas pautas de governança urbana.

Ao escrevê-la, a cidade reescreve os corpos dos indivíduos: não são processos revolucionários, mas de conflagração. Da equivalência estática da forma-função das passagens ao agenciamento de corpos múltiplos cuja ação dá voz às inúmeras

narrativas da cidade. Em meio a heterotopias perversas dos barcos de refugiados à deriva, vivenciamos as cidades em que seremos nossos corpos-cabanas.

Agradecimentos

Agradecemos à CAPES pelo financiamento da pesquisa através do PPD-PROEX 2014-2018.

Referências

AUGÉ, Marc. *Non-lieux. Introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Paris: Seuil, col. La librairie du XXIe siècle, 1992.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

CASTORIADES, Cornelius. *Figuras do pensável. As encruzilhadas do labirinto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien: arts de faire*. Paris: Union Generale d'Editions, 1980.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Lisboa: Relógio D'água, 2000.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2009.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1999.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013a.

FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: editora Forense Universitária, 2013b.

LASH, Scott. Deforming the Figure: Topology and the Social Imaginary. In: *Theory, Culture & Society* July–September 2012 vol. 29 no. 4-5, pp. 261-287. URL: <http://tcs.sagepub.com/content/29/4-5/261.abstract>

SASSEN, Saskia. Spatialities and Temporalities of the Global: elements for a theorization. In: APPADURAI, Arjun (Ed.). *Globalization*. Durham: Duke University Press, 2001. pp. 260-278.